

ANO XXII Nº 257
Outubro / 2019

R\$ 16,20



RRNEWS



www.revistarural.com.br

Revista Rural

A revista do setor

**UM QUEIJO
SUPER
PREMIADO
FEITO NO**

MARAJÓ

Um trabalho que respeita os animais e meio ambiente., e resulta num queijo cremoso, leve, saudável, e campeão em pistas bastante disputadas.

BOM MANEJO GARANTE A SAÚDE DA SOJA



ENCONTRO NACIONAL **TOP FARMERS**

03 E 04 DE DEZEMBRO - CAMPINAS - SP

DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS PARA O CAMPO



MERCADO INTERNACIONAL - OPORTUNIDADE
OU AMEAÇA?

Marcos Jank

Presidente / Aliança Agro Ásia
- Brasil

HOTEL ROYAL PALM HALL
CAMPINAS - SP



DIAMANTE



PRATA



BRONZE



PARCERIA



REALIZAÇÃO

(34) 3227.4286 • www.gpoconecta.com.br



**Confinamento
Monte Alegre
deve terminar
50 mil animais
este ano**

34



**Manejo adequado
garante a saúde
da lavoura de soja**

54



**Congresso Nacional das
Mulheres do Agronegócio
bate recorde de
participação**

26



Revista Rural é uma publicação mensal da Criação Assessoria Comunicação e Comércio Ltda - Rua Acuruá nº 547 - Vila Ipojuca - São Paulo/SP - CEP 05053-000 - PABX 11 3022-4260 www.revistarural.com.br • **Diretor de Redação:** Flávio Albim (flavio@revistarural.com.br)
Repórter: Bruno Zanholo (bruno.zanholo@revistarural.com.br) Tel: 11 94369-6680
Imagens: Davi Canto (davi.canto@revistarural.com.br) Tel: 11 97279-1038 • **Diretor de Conteúdo Digital:** Vitor Albim (vitor.albim@revistarural.com.br) Tel: 11 98816-9765 • **Diretora Comercial:** Ana Carolina Domingues Albim (carol@revistarural.com.br) **Departamento Comercial:** Ligue 11 94369-6725 • **Edição digital:** disponível gratuitamente na Apple Appstore, Google Play e Amazon ou leia nossa edição online em <http://www.revistarural.com.br/>. **Siga Revista Rural no Facebook** (www.facebook.com/revistarural).

ANO XXII • Nº 257
Outubro/2019





DAF CAMINHÕES INVESTE R\$ 100 MILHÕES EM NOVO CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO

A DAF Caminhões Brasil, seguindo seu plano de investimentos no país, visando o fortalecimento das operações da marca, anuncia o investimento de R\$ 100 milhões em um novo Centro de Distribuição de Peças, localizado dentro do parque industrial da DAF em Ponta Grossa, no interior do Paraná. As obras do novo prédio já iniciaram e devem ser concluídas no primeiro semestre de 2020. Com o novo Centro de Distribuição, a PACCAR Parts, divisão de peças do Grupo PACAR, conseguirá atender à demanda crescente, associada ao bom desempenho da companhia no Brasil.

“Desde a chegada da DAF no Brasil, em 2011, fizemos constantes investimentos no país. O primeiro, de R\$ 1 bilhão, foi consumido pela construção da fábrica e início das operações, em 2013. Em 2015, anunciamos um aporte de R\$ 60 milhões para a nacionalização da linha de motores PACCAR MX, além dos constantes desembolsos para desenvolvimento de novos produtos, serviços, aumento da força de trabalho e expansão da nossa Rede de Concessionárias”,

afirma Carlos Ayala, Presidente da DAF Caminhões Brasil. A nova estrutura contará com 16 mil metros quadrados de área construída, capaz de armazenar mais de 47 mil locações, para atender à demanda de toda a Rede de Concessionárias DAF.

O Centro de Distribuição de Peças também terá tecnologia de ponta, visando o melhor controle do estoque e garantindo 98% de disponibilidade de peças, índice global da marca. O investimento inclui equipamentos, softwares e novos colaboradores.

“A PACCAR Parts vem apresentando excelentes resultados no Brasil, impulsionados pelo crescimento da frota da DAF, que já ultrapassou os 7 mil caminhões emplacados, e pelo desempenho da TRP, nossa linha de peças de reposição para caminhões, ônibus e carretas de diversas marcas. Com o novo centro de peças, estamos nos preparando para o futuro e fortalecendo ainda mais as nossas operações no Brasil”, complementa Carlos Tavares, Diretor de PACCAR Parts no Brasil.

NOVO SISTEMA DE CONTENÇÃO **EASY LOCK**

CHEGA DE PINGA PINGA E BARULHO NO CURRAL!

Dê adeus às cremalheiras
e pistões hidráulicos
com a nova trava
Easy Lock Coimma.



SISTEMA SILENCIOSO



SEM MANUTENÇÃO



SEM ÓLEO



SEM SUJEIRA



LEVEZA E PRECISÃO

Invista na
tecnologia a favor
do seu negócio!



Leia o QR Code
em seu celular
e saiba mais!

www.coimma.com.br

0800 11 2555 | (18) 3821-9900

/coimma @coimma /coimma

INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA
PARA PECUÁRIA





TROLLER T4 2020 CHEGA COM NOVA COMBINAÇÃO DE CORES

A Troller iniciou a venda do T4 2020, trazendo uma nova combinação de cores externas e internas que realça a esportividade do utilitário. Externamente, o T4 passa a ter como cor de destaque o Cinza Londres Escuro, aplicado na grade dianteira, para-choque, teto, estribos, aerofólio, tampa do porta-malas e molduras. As rodas de liga leve de 17" ganharam a cor Preto Ebony.

O novo tom acentua o contraste com as seis cores disponíveis da carroceria: as sólidas Vermelho Arizona, Branco Diamante e Amarelo Dakar, a metálica Prata Geada e as perolizadas Verde Maragogi e Cinza Moscou. A cabine também ganhou um toque mais moderno com o mesmo tema: o painel, o console central, os apoios de braço laterais e as molduras dos alto-falantes são pintados em Cinza Londres Escuro.

“Essa mudança valoriza ainda mais o visual único do Troller T4 2020, um off-road legítimo testado nos terrenos mais exigentes e vencedor de vários ralis nacionais e internacionais, que conta com um público fiel e apaixonado por aventura”, diz Demétrio Fleck, gerente de Marketing, Vendas e Serviços da Troller.

Robusto e equipado

O Troller T4 é produzido com chassi reforçado, carroceria em compósito de fibra de vidro, resistente e imune à corrosão, e estrutura metálica tubular “space frame”. Seu motor é o Duratorq 3.2 Diesel, com cinco cilindros e turbo de geometria variável, que desenvolve potência de 200 cv e torque de 470 Nm para um desempenho forte e econômico, junto com transmissão manual de seis velocidades.

A tração 4x4 com comando eletrônico no console dispõe das opções 4x2, 4x4 Low e 4x4 High – esta última podendo ser acionada a até 120 km/h. Ele é equipado também com diferencial traseiro autoblocante com sistema Trac-Lock, que transfere

o torque para a roda com maior aderência e compensa variações do piso.

O utilitário vem de série com pneus de uso misto, protetor de cárter e estribo laterais integrados, teto solar duplo de vidro e tomada de ar em posição elevada preparada para a instalação de snorkel. Tem ainda lanternas traseiras de LED com vedação especial, bagageiro no teto com barras transversais ajustáveis, antena flexível e removível e porta-gancho na traseira.

Off-road de raiz

Entre os atributos que garantem o excelente desempenho todo-terreno do veículo incluem-se os freios a disco nas quatro rodas com ABS e sistema EBD, os ângulos de entrada e saída de 51°, o aclive máximo de 45° e a capacidade de imersão de 800 mm. O interior lavável, com bancos e revestimento do piso em materiais impermeáveis para o escoamento de água, é outra característica única que favorece a aventura.

Internamente, o Troller T4 conta com painel moderno, volante e bancos ergonômicos e vários porta-objetos para a conveniência a bordo. Vem com ar-condicionado digital dual zone, central multimídia Smart CarDrive da JBL Harman com tela de 6,75" e conectividade com Android Auto e Apple CarPlay, vidros e espelhos elétricos, computador de bordo, alarme, bancos traseiros bipartidos, tomada 12 V e painel com preparação para instalação de dispositivos de navegação off-road.

O Troller T4 2020 tem preço de R\$140.900 com pintura sólida e R\$141.778 com pintura metálica ou perolizada. Ele tem três anos de garantia e conta com a assistência técnica exclusiva das 18 revendas da Rede Troller no Brasil. O utilitário oferece ainda uma ampla linha de acessórios originais com mais de 130 itens de conveniência e personalização, como snorkel, guincho, protetores, soleiras e para-choque de aço.

MG12 *Panicum*

PAREDÃO



MATSUDA



**É A CASA DO BOI,
E NÃO DA CIGARRINHA.**



**RESISTENTE
À CIGARRINHA**

**ALTA
PRODUÇÃO
DE FORRAGEM
MAIS CARNE
MAIS LEITE**



/grupomatsuda

(35) 3539 1800 / MG

(18) 3226 2000 / SP



www.matsuda.com.br

INSTRUÇÃO NORMATIVA ESTABELECE REGRAS PARA DESTINAÇÃO DE RESÍDUOS DA PECUÁRIA

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento publicou no Diário Oficial da União, a Instrução Normativa 48/2019, que estabelece as regras sobre o recolhimento, transporte, processamento e destinação de animais mortos e resíduos da produção pecuária como alternativa para a sua eliminação nos estabelecimentos rurais. A IN estabelece regras que possibilitam a utilização de rotas tecnológicas para o os resíduos da produção pecuária de forma sanitariamente segura, alternativas às práticas até então adotadas.

De acordo com a Instrução Normativa, para destinar animais mortos e resíduos da produção pecuária para unidade de recebimento, de transformação ou de eliminação, o estabelecimento rural deve possuir cadastro atualizado junto ao Serviço Veterinário Oficial e dispor de um local exclusivo para o recolhimento, que

deverá estar fora das áreas utilizadas para o manejo da exploração pecuária e afastado das demais instalações do estabelecimento rural.

Os veículos utilizados para o transporte de animais mortos e resíduos da produção pecuária devem ser de uso exclusivo para esta finalidade. Também devem ser vedados e identificados. É obrigatório o porte de Documento de Trânsito de Animais de Produção Mortos (DTAM) durante todo o percurso para o transporte de animais mortos e resíduos da produção pecuária. O Serviço Veterinário Oficial de cada estado deverá estabelecer os controles necessários para a devida aplicação da IN.

A elaboração da norma contou com a participação das representações de toda cadeia produtiva de proteína animal e dos diversos órgãos governamentais.



URBANO

www.lojaurbano.com.br

(11) 2628.5601

Caixa Agrícola	Hortifruti Granjeiro	Meia Caixa	Piso de Plástico
- Espaço da gravação personalizada - Ombreiras para facilitar o transporte - Dimensões: A31 x L36,5 x C55 cm - Peso: 1.800 kg - Capacidade de Carga: 25 kg - Empilhamento Máximo – 275 kg	- Espaço para gravação personalizada - Dimensões: A31 x L57 x C77 cm - Peso: 4.100 kg - Capacidade de Carga: 50 kg - Empilhamento – 300 kg	- Espaço da gravação personalizada - Caixa Paletizável - Dimensões: A17 x L40 x C60 cm - Peso: 1.530 kg - Capacidade de Carga: 12 kg - Empilhamento – 144 kg	- Dimensões: A4,5 x L50 x C50 cm - Sistema de encaixe macho-fêmea - Reduz o atrito em 90% - Peso: 1.790 kg
Cores: 	Cores: 	Cores: 	Cores: 

Enviamos para todo o Brasil - Contamos com outros modelos, **consulte-nos** - contato@lojaurbano.com.br

**SAVE
THE
DATE**

**SUPER
EARLY BIRD
10% OFF
ATÉ 28/08**



#DATAGROSP

**28 e 29
de outubro
de 2019**

19ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DATAGRO SOBRE AÇÚCAR E ETANOL

**ETANOL COMO ARTICULADOR
DO SETOR**

LOCAL:
Grand Hyatt
SÃO PAULO,
BRASIL

INSCRIÇÕES ABERTAS



Participe de um dos mais importantes eventos

do calendário mundial
do setor de açúcar, etanol,
energia e biocombustíveis.
O foco é valorizar
o conteúdo de mercado,
disseminar conhecimento
de novas tecnologias
e políticas públicas, além
estimular o networking
entre os participantes.

A inscrição inclui:

Acesso às apresentações,
mediante autorização
do palestrante; Material
da Conferência; 15 dias de
acesso gratuito ao Análises
& Tendências (A&T); Relatório
diário sobre os mercados de
Açúcar e Etanol no seu e-mail;
Participação no Café de
boas-vindas, intervalos
e coffee-breaks, e Coquetel
de Relacionamento.

CONFERENCES.DATAGRO.COM
CONFERENCIA@DATAGRO.COM
+55 (11) 4133 3944

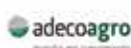
     /datagro

Plante a marca da sua empresa nos
principais eventos de conteúdo e
relacionamento do agronegócio mundial.

Patrocinador:



Apoio:



Colaboração:



Realização,
Organização
e Curadoria:



Parceiro
de Mídia:





 **NEGÓCIOS**

Em busca de novos caminhos

Companhia referência em melhoramento genético passa por
reformulação em busca da retomada de mercado

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Divulgação



Sair do lugar-comum e deixar o comodismo de lado. É deste jeito que a CRV Lagoa, empresa com mais de 50 anos de existência no mundo, está tratando seus negócios desde que a nova diretoria assumiu a empresa no Brasil. Comandada desde março pelo holandês Rudi den Hartog, a companhia tem realizado mudanças em sua equipe interna, onde 25 novos especialistas foram contratados. “Também estamos revendo nosso portfólio, e recentemente adquirimos diversos touros em leilões, num valor de três milhões de reais”, declara o presidente. A ideia é ampliar o portfólio de Nelore e Angus, contratando mais animais vindos dos Estados Unidos. “Com isso queremos voltar a ser número um no Brasil”.

Com as novas aquisições animais, o executivo conta que os produtores já estão perguntando sobre o que de novo em materiais genéticos a empresa tem, a fim de fazer parte da carteira de clientes. “Isso é um demonstrativo de resultado destas mudanças que estão sendo realizadas”.

Segundo Hartog, a necessidade de reformulação se deu porque nos últimos anos a empresa estava perdendo participação no mercado em termos de vendas, e com a entrada de outros concorrentes, oriundos principalmente dos EUA e Canadá, foi sentida a necessidade de voltar a ser protagonista na pecuária. “Foi a partir

daí que nossa diretoria global decidiu investir no Brasil”, diz.

Com as transformações em prática, os resultados já começam a aparecer, e o presidente revela que nos últimos seis meses a CRV cresceu na faixa de 7 a 10%. “O Brasil na parte de inseminação artificial está crescendo 17%, e a nossa meta em um ano é chegar a 20%. Para isso acontecer, considero nossos consultores figuras centrais, e por isso estamos os capacitando mais para que em cada região se trabalhe o segmento mais indicado”, declara. Para ele, é preciso sair da zona de conforto para mostrar um novo caminho para os pecuaristas e ajudá-los a crescer. “O produtor se preocupa com a parte genética, então precisamos estar preparados para o suporte, com uma equipe forte e treinada”.

Estratégias e ambições

Dentro das diretrizes deste novo momento, atualmente a CRV conta com cerca de 110 funcionários, e está em busca de uma nova sede que se enquadre nas novas estratégias da companhia. Em sua central, localizada em Botucatu, interior de SP, a empresa possui aproximadamente 450 touros em produção. Além disso, os atuais dados apontam que a empresa realiza a venda de dois milhões de doses anualmente, número que deve ser batido já em 2020. “A meta para o fim do ano que vem é chegar a três milhões”. Com isso, o crescimento será de mais de 30%, o que é considerado



“O UNIVERSO DESTAS 60 MIL VACAS PRODUZINDO GENÉTICA VIA SÊMEN OU VIA TOURO ATINGE UM NÚMERO PRÓXIMO A 500 MIL ANIMAIS”, DIZ O PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PAINT, WELLINGTON BINO.

grande, mas possível pela diretoria. “O mercado de Nelore está crescendo 28% neste momento, então temos um desafio pela frente para atingir a meta”, declara Hartog.

Para atingir esse crescimento, o executivo comenta que há fatores positivos e negativos que podem surgir pelo caminho e que a companhia deve estar preparada para o que vier. “Costumo dizer que o Bra-

sil é campeão em deixar algo acontecer, como foi o episódio da carne fraca, por exemplo, que atrapalhou a exportação. Mas, creio que o setor em si é autossuficiente para nos ajudar nesse crescimento projetado”. Uma outra estratégia que a CRV já está adotando é a de se aproximar da nova geração de pecuaristas que tem surgido pelas fazendas brasileiras. “Esta é uma grande diferença do Brasil para os EUA. Lá os produtores são mais velhos, com média de idade em 80 anos e sem sucessores. Já aqui, os jovens estão mais estudados e preparados para assumir os



negócios, e cabe a nós saber conversar nesta nova linguagem”, declara o presidente.

A nova era do Paint

Um dos principais e mais reconhecidos programas da CRV Lagoa, o Paint recentemente completou 25 anos, e dentro da reformulação que a companhia passa, uma novidade também recai sobre ele, em busca de mais 25 anos de sucesso. “Ao discutirmos com os participantes como serão as próximas décadas, nasceu a ideia do Paint ter uma associação, e

assim foi feito”, revela Hartog. Wellington Bino, pecuarista e presidente da Associação Paint, diz que a ideia foi bem aceita logo de cara pelos participantes do programa, e que o trabalho será realizado com independência, porém, contando ainda com a ajuda da CRV. “O Paint conta com 66 parceiros no Brasil, Bolívia e Paraguai, que ao todo tem 60 mil vacas, e a maioria dos parceiros vieram para a associação, com exceção dos que saíram da atividade por motivos particulares”, declara.

O projeto para 2020 é fazer a associação mais forte, buscando a aproximação com os clientes dos associados, que são as pessoas que de fato compram a genética, o sêmen de um animal identificado pela associação, coletado na Lagoa e distribuído no mercado. “O universo destas 60 mil vacas produzindo genética via

sêmen ou via touro atinge um número próximo a 500 mil animais”.

Também faz parte dos planos trazer empresas de nutrição, sanidade, frigoríficos, entre outros, para dentro da associação, com o intuito de avaliar animais de genética superior. “Assim, ligamos elo produtivo e avaliamos juntos as necessidades do mercado. O foco é unificar o grupo produtivo e dar respaldo”, declara. Para Bino, entender o ponto de vista de todas as partes é o caminho para o bem do melhoramento genético.

Com a “bagagem” de duas décadas e meia de existência, o programa

visa ainda identificar as melhores matrizes do mercado, uma vez que apenas 20% do universo de 60 mil animais viram candidatos a touros. “Então 20% do que é trabalhado, de fato é para a produção de carne. Assim, ter um animal diferenciado vai significar mais ganhos pelo frigorífico, seja ele um Nelore, ou um cruzamento”, diz Bino. Ele reforça que ideia

é andar em paralelo, pois acha que o cruzamento é uma ótima ferramenta, mas que é preciso ter uma base de matrizes Nelore. “O programa de melhoramento identifica os animais superiores e cabe às centrais contratá-los”.

Para o presidente da associação isso tudo vai de encontro com a necessidade de aumentar a quantidade de carne produzida por hectare, pois não adianta ter boa qualidade no alimento



produzido se os animais são de baixa eficiência, e geneticamente não superiores. “Se ele tem melhoramento genético, vai produzir mais arrobas em menos tempo, e em uma área que se manteria um determinado número de animais, se terá mais, pois o ciclo passa a ser mais curto”, diz. Dessa forma, segundo Bino, o Brasil tem condição de produzir mais carne nas mesmas áreas, ligando nutrição à genética. “Uma coisa não anda separada da outra, e por isso a ideia da associação é juntar todos os elos para um trabalho em conjunto”.

Com o crescimento populacional e a demanda por mais alimento, o cenário mundial aponta para o Brasil como referência em ter maior

produção de carne de qualidade, e em cima disso, o executivo vê uma boa chance de conseguir mais associados para o Paint. “Queremos que pecuaristas que ainda não conhecem ou não fazem parte de nenhum programa de melhoramento genético, busquem eficiência em seus rebanhos contando com a nossa ajuda”, declara. Para Bino, tal busca tem que ser realizada em período integral, uma vez que o melhoramento genético é consolidado no Brasil, e os pecuaristas entendem que é preciso fazer, mesmo que isso não signifique que estão aplicando. “O Brasil é celeiro do mundo, temos a condição de suprir a demanda mundial e o pecuarista precisa se envolver mais nisso”.







BEM ESTAR ANIMAL

Sem estresse, tudo fica melhor

Qualidade de vida e cuidados com o bem estar dos animais são medidas que refletem na qualidade do leite e laticínios.





Em 2018, o Brasil atingiu o índice populacional de 208,4 milhões de habitantes, segundo a estimativa do IBGE. Em vista desse quantitativo, fatores comportamentais, culturais e biológicos refletem no comportamento de mercado quando o assunto é a motivação, uma vez que a qualidade do produto é prioridade em termos de consumo, e principalmente, tratando-se de alimentos. Contudo, também é cada vez maior, a preocupação com o ambiente e o tratamento

dispensados à matéria prima – os animais. Ainda com todo o aparato tecnológico oferecido pela agroindústria para suprir a demanda alimentar, é necessário o despertar, para a qualidade de vida e bem estar dos animais, em prol da alta rentabilidade, e assim, gerar o mínimo de desperdício e obter boa posição no mercado.

Pensando no contexto de qualidade de vida e bem estar animal para oferecer ao consumidor alimento nutritivo, valorizando os



benefícios à saúde, além da satisfação das demandas sensoriais, que o casal de produtores do laticínio de búfala - Queijo do Marajó Fazenda São Victor, Cecília e Marcus Pinheiro, de Salvaterra – Ilha do Marajó, adotaram as melhores práticas para a garantia de conforto junto ao rebanho de búfalos da própria fazenda.

“Nosso trabalho respeita a preservação dos animais e meio ambiente. Medidas que refletem na qualidade do produto final, que é o queijo, proporcionando versatilidade e muito sabor. Temos a satisfação de apresentar um queijo cremoso, leve, saudável, natural, sem adição de conservantes, e com 100% leite de búfala do rebanho da fazenda”, frisa Cecília.

CECÍLIA E MARCUS PINHEIRO, PROPRIETÁRIOS DA MARCA QUEIJO DO MARAJÓ FAZENDA SÃO VICTOR: “NOSSO TRABALHO RESPEITA A PRESERVAÇÃO DOS ANIMAIS E MEIO AMBIENTE. MEDIDAS QUE REFLETEM NA QUALIDADE DO PRODUTO FINAL, UM QUEIJO CREMOSO, LEVE, SAUDÁVEL, NATURAL E SEM ADIÇÃO DE CONSERVANTES”.





O produtor Marcus que também é bubalinocultor, com ampla expertise em agronegócio, ressalta que um planejamento bem executado, valorizando as condições naturais para que os animais vivam na zona de conforto e sem estresse, é muito importante para obter êxito em qualquer

cadeia produtiva, principalmente, quando se trata de laticínios. “Vários fatores influenciam diretamente na produtividade e qualidade do leite, e consequentemente, nos derivados, entre eles podemos destacar a nutrição, a qualidade de vida e o bem estar do animal e capacitação da equi-

Um planejamento valorizando as condições naturais para que os animais vivam na zona de conforto e sem estresse, é muito importante em qualquer cadeia produtiva, principalmente, de laticínios.



pe com um todo”, explica. Outro fator pontuado pelo profissional em bubalinocultura é sobre o trabalho na composição genética dos búfalos em vista de aumentar a qualidade do leite e laticínios. Ele explica que, para a produção do Queijo do Marajó Fazenda São Vic-

tor, optou em ter no rebanho, búfalos da raça Murrah, devido à raça revelar saúde e vigor, com constituição robusta e forte prevalência leiteira, além de ser dócil e incluir exigências de aprumos normais, com cascos fortes e bem conformados. Além dos valores e benefícios

Para a produção do Queijo do Marajó Fazenda São Victor, optou-se pelo rebanho de búfalos da raça Murrah, devido a ela revelar saúde e vigor, com constituição robusta e forte prevalência leiteira.



alcançados com as práticas de bem-estar animal, a importância do método para a cadeia produtiva é a possibilidade de exploração e atendimento de mercados consumidores mais exigentes, por isso, hoje, os interesses estão voltados em alcançar a qualidade final desejada do produto através do bem-estar.

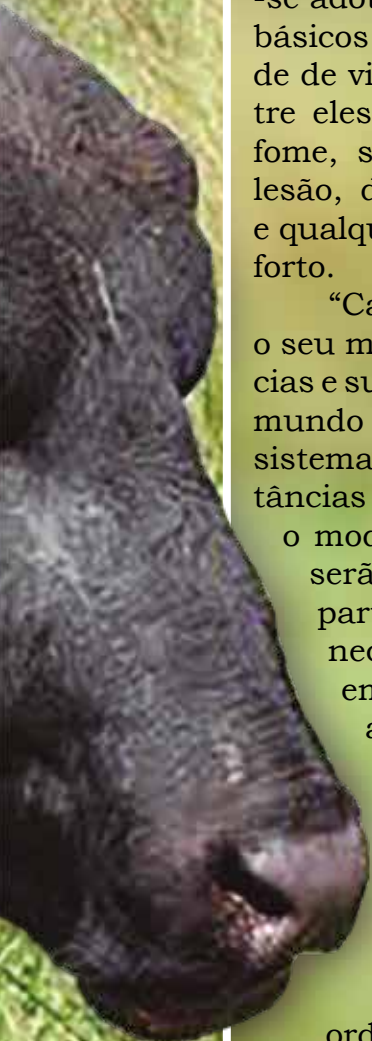
“Não podemos negar que o conceito “bem-estar” apresenta níveis de adoção e valores, os quais variam em função das diferentes óticas éticas, temporais, cultu-

rais e socioeconômicas de cada região. Mas, é importante ressaltar que, é um caminho sem volta e, em longo prazo traz melhorias diversas para o sistema de produção”, explana Marcus.

Bem estar animal

De acordo com a Organização Mundial de Saúde Animal, o bem-estar animal é a maneira como o animal lida com o seu entorno, e dessa forma inclui-se comportamento e sentimentos. Quando se





trata de animais de produção, atribui-se a boas condições de bem-estar quando são atendidas o que chamam de “cinco liberdades”, nas quais procura-se adotar e incorporar padrões básicos e mínimos de qualidade de vida para os animais, entre eles destacam-se: livres de fome, sede, má nutrição, dor, lesão, doença, medo, angústia e qualquer sensação de desconforto.

“Cada espécie animal tem o seu metabolismo, suas carências e sua forma de responder ao mundo que lhe cerca. Em cada sistema produtivo, as circunstâncias em que são mantidas e o modo como são manejadas serão diferentes. Portanto, partindo dessa premissa, é necessário respeitar e levar em consideração todos os aspectos naturais do manejo. As boas práticas de manejo na ordenha com as búfalas é fundamental para a obtenção de leite com alta qualidade. Ainda é necessário que o ordenhador seja capaz de perceber as necessidades dos animais sob seus cuidados, e que goste dos animais e de seu trabalho”, sintetiza o bubalinocultor.

Estudos também apontam sobre as qualidades particula-

res do leite de búfala, as quais são provenientes na maioria das vezes da criação dos búfalos em regiões tropicais. Portanto, visando manter a proteção dos animais nesse sentido, na região norte do Brasil, é possível ter produção e manejo mais eficientes.

Pesquisas realizadas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) mostram que o conforto térmico oferecido pelas árvores e águas refletem de maneira positiva nos índices de produção, destaques para o peso, quantidade e qualidade de leite, e inclusive na reprodução animal. Aspectos que refletem nos diferenciais da bubalinocultura brasileira, a exemplo de rebanho e pasto, e assim, consolidando a agropecuária na região norte do Brasil.

“Os fatores naturais e climáticos da Ilha do Marajó, beneficiam em amplo aspecto na criação e manutenção da maneira mais natural possível dos búfalos, oportunizando uma criação mais saudável, até mesmo pelo baixo uso de medicamentos, e a preservação de todos os princípios do bem estar do animal que, por isso, se tornam mais resistentes a doenças, além de produzir um leite mais saudável, nutritivo e isento de toxinas. Benefícios que se refletem nos derivados”, explica Pinheiro.





Benefícios à saúde

O leite de Búfala é do tipo A2, por isso, possui uma grande quantidade de nutrientes que são essenciais à saúde, tendo características bem peculiares nesse sentido, as quais diferenciam em termos de qualidade se comparadas ao leite de vaca. Além disso, a beta-caseína presente no leite Tipo A2 representa cerca de 25 a 30% do total de proteína do leite. O leite de búfala contém apenas a beta-caseína A2, que é uma

composição que faz com que seja mais digerível, se comparado ao convencional leite vaca, uma vez que possui tanto a beta-caseína A2 quanto a beta-caseína A1.

Pesquisas mostram que há 10% mais de proteína no leite de búfala, o que auxilia no crescimento e desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos, por ser um nutriente necessário para quase todos os processos corporais. Também são encontradas as vitaminas A e C, além de quantidades significativas de cálcio, ferro, zin-

co, antioxidantes, minerais e estimulantes do sistema imunológico.

Arquipélago do Marajó

Localizada no norte do Pará, o arquipélago do Marajó é o maior arquipélago flúvio-marítimo do planeta, e em média tem 42 mil km² de extensão e formado com cerca de 2 500 ilhas. Sua principal característica é que ela é uma ilha costeira do tipo flúvio-marítima, ou marítimo-fluvial, banhada tanto por águas fluviais (rio Amazonas, Pará e Tocantins) quanto por águas oceânicas (Oceano Atlântico).

A ilha é dividida em 12 municípios: Santa Cruz do Arari, Afuá, Anajás, Breves (a capital da Ilha de Marajó), Cachoeira do Arari, Chaves, Curralinho, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, São Sebastião da Boa Vista e Soure. Mas as principais cidades da Ilha de Marajó são Salvaterra, Soure e Cachoeira do Arari, na parte oriental da ilha, mais perto de Belém, região onde vive a maioria dos 250 mil habitantes do Marajó. As cidades de Soure e Salvaterra são os principais destinos turísticos na Ilha do Marajó, e por aqui parece que o tempo passa em um compasso diferente do continente e do resto do Brasil, e do mundo.

O Brasil tem o maior rebanho de búfalos do ocidente: 1,8 milhão cabeças, 80% nos estados do Norte. De acordo com dados de Pesquisa Pecuária Municipal (PPM),

do IBGE, realizada em 2017, a maior concentração de búfalos do país encontra-se na Ilha do Marajó. Em 2016, a ilha contava com cerca de 520 mil cabeças (38% do total nacional), das quais mais de 320 mil estavam na costa norte e nordeste da ilha. Só o município de Chaves concentra pouco mais de 30% do rebanho do Estado, cerca de 160 mil animais. Considerado o segundo município com o maior número de búfalos no Brasil, é Cutias, no Amapá, onde havia pouco menos de 77 mil cabeças.

Trabalho reconhecido

Desenvolvida em 2006 por meio do Projeto Desenvolvimento da Cadeia Produtiva do Queijo do Marajó, conquistou certificado de qualidade artesanal do produto. Detentora do selo 013 no segmento de produto artesanal no Pará, com a produção do Queijo Marajó Tipo Creme, conquistou premiações expressivas no gênero alimentício, entre elas o primeiro lugar no XII Encontro Nacional de Criadores de Búfalos e II Marajó Búfalos, tendo o reconhecimento na maior premiação de queijos artesanais, “Medalha de Bronze”, no III Prêmio Queijo do Brasil, e “Super Ouro” no IV Prêmio Queijo Brasil, em São Paulo. Emplacou também, com a categoria “Prata”, da 4a Edição do Mondial du Fromage et des Produits Laitiers, na França.





 CONGRESSOS

Casa cheia e muito assunto

Congresso das Mulheres do Agro bate recorde de público. Além de falar da mulher ligada aos principais setores da cadeia, o congresso tratou de diversas culturas durante o evento.

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Davi Canto





São Paulo mais uma vez foi palco do Congresso Nacional das Mulheres do Agro (CNMA), evento que prioriza a relevância feminina para o avanço inovador, rentável e sustentável do mercado. Em sua quarta edição, o evento abordou as principais cadeias produtivas do setor, com temas relacionados aos elos da cadeia, como por exemplo, o consumidor final, a agroindústria, os produtores e órgãos públicos.

Renata Camargo, organizadora do CNMA diz que neste ano a

ideia foi ter um evento que além das novidades, trouxesse diversas emoções para as participantes. “Tínhamos uma expectativa de receber 1.700 mulheres e ao final ficou registrado que mais de 1.900 passaram pelo pavilhão durante os dois dias de evento”.

Para organizar um congresso desta magnitude, Renata viajou por todo País, querendo trazer pessoas de todos os cantos, além de palestrantes que agregassem com novidades, tendências e tecnologias. “Tivemos participantes



vindas de 23 Estados, o que nos dá a certeza do sucesso deste ano”, declara.

Além de falar da mulher ligada aos principais setores da cadeia, o congresso tratou de diversas culturas durante o evento. “Abordamos soja, carne, leite, e também assuntos como hortifrúti, algodão, o setor sucroenergético e a integração de ponta a ponta dentro do agro”.

Zenaide Guerra, diretora de comunicação, marca e relações governamentais da DSM na América Latina, comenta que o Brasil cada vez mais está crescendo em importância no agronegócio, e quanto mais importante fica, mais cresce o desafio de produzir melhor. “Nesse sentido, a inclusão feminina, seja em ciência, tecnologia, ou na própria gestão

RENATA CAMARGO, ORGANIZADORA DO CNMA: “TÍNHAMOS UMA EXPECTATIVA DE RECEBER 1.700 MULHERES E AO FINAL FICOU REGISTRADO QUE MAIS DE 1.900 PASSARAM PELO PAVILHÃO DURANTE OS DOIS DIAS DE EVENTO”.



ZENAIDE GUERRA,
DIRETORA DE
COMUNICAÇÃO,
MARCA E RELAÇÕES
GOVERNAMENTAIS
DA DSM NA AMÉRICA
LATINA: “O BRASIL
CADA VEZ MAIS
ESTÁ CRESCENDO
EM IMPORTÂNCIA
NO AGRONEGÓCIO
E QUANTO MAIS
IMPORTANTE
FICA, MAIS CRESCE
O DESAFIO DE
PRODUZIR MELHOR”.

das fazendas, se torna necessária”. Segundo ela, tal inclusão só contribui em um mercado que é, culturalmente, bastante masculino. “A mulher tem cada vez mais ganhado voz para mostrar sua capacidade de atuação e o compromisso que tem com o setor”, diz. Para reforçar esta importância, Zenaide ressalta que vivemos num País onde a representatividade do agro se dá através de uma mulher, Tereza Cristina, ministra da agricultura. “Só isso já traz o peso da importância que temos para a área”.

Jovens também tiveram vez

Realizado pela primeira vez no Brasil, durante o Congresso das Mulheres do Agro, o Youth Agribu-



siness Movement International, foi um evento voltado a jovens do agronegócio, e serviu de espaço para debater as mudanças e os avanços do setor para as próximas gerações. O projeto reuniu jovens herdeiros, sucessores, estudantes e recém-formados de até 30 anos de idade, que darão

continuidade ao crescimento do setor agrícola.

Hellen Ottonelli tem 19 anos e estuda agronomia em Mato Grosso. Para ela, este evento direcionado à sua geração vem ao encontro da necessidade do jovem em focar em fazer parte do agro, seja através dos estudos,

Em sua quarta edição, o evento abordou as principais cadeias produtivas do setor, como por exemplo, o consumidor final, a agroindústria, os produtores e órgãos públicos.

SUA TERRA MERECE A MELHOR SEMENTE



**SEMENTES
DE ALTA PUREZA**



GARANTE O QUE FAZ

www.pastobras.com.br



Pastobras, novamente a marca mais lembrada
no segmento de integração Lavoura-Pecuária-Floresta





estágios ou trabalhando no campo. “Atualmente vemos a sucessão familiar no campo como uma realidade que dá sequência aos trabalhos nas fazendas”, comenta.

Vivendo o dia a dia de uma universidade, Hellen diz perceber diversos outros jovens a fim de tocar o negócio dos pais e se preparando para os desafios diários que o setor possui. “Por isso um congresso como este é importante, pois dá voz às ideias que a juventude tem para o mercado. Isso é o que ajuda a mudar o setor e atualizá-lo com novas opiniões e visões inovadoras”, declara. Para ela, o agro nacional precisa deste constante movimento de renovação para continuar sendo tão forte.

HELLEN OTTONELLI,
ESTUDANTE DE
AGRONOMIA EM
MATO GROSSO.
“ATUALMENTE
VEMOS A SUCESSÃO
FAMILIAR NO
CAMPO COMO UMA
REALIDADE QUE DÁ
SEQUÊNCIA AOS
TRABALHOS NAS
FAZENDAS”.



De boitel a um mega confinamento

Baseado no profissionalismo, com importante acompanhamento técnico e controle sanitário rigoroso da MSD, o Confinamento Monte Alegre (CMA), localizado na cidade de Barretos, interior de São Paulo, vai terminar este ano mais de 50 mil animais.

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Davi Canto





De origem familiar e início nos anos 90, o Confinamento Monte Alegre (CMA), localizado na cidade de Barretos, interior de São Paulo, surgiu do trabalho de Oswaldo Perrone. Na época, a capacidade da fazenda era de apenas 450 cabeças. Vendo a história de perto, André Perrone neto de Oswaldo, se formou em veterinária e no começo dos anos 2000 começou a tocar juntamente o negócio da família, buscando uma unidade mais intensiva na

parte tecnológica de operação.

“No começo era um sistema de boitel com pecuaristas aqui da região, e eramos empenhados em trabalhar com tecnologia e inovações”, diz André. A partir daí, o confinamento buscou por parcerias, como o frigorífico Minerva, e nos últimos cinco anos tem trabalhado com a estrutura voltada a seus parceiros, uma vez que trabalha com animais deles, além dos próprios do CMA. “Buscamos foco na gestão, tecnologia e eficiência. Hoje



tentamos trazer à pecuária nacional um novo sistema de manejo, ligado ao bem-estar”.

Localização estratégica

A Monte Alegre tem como ponto estratégico o Estado de São Paulo, que é rico em agroindústrias e dispõe de uma grande variedade de produtos ou subprodutos, agregando maior valor para o mercado consumidor de carne.

“O Estado é forte no que se diz respeito a escoar a carne, principalmente com o Porto de Santos. Com isso, conseguimos originar animais de outros locais”, declara Perrone. Segundo ele, além disso, São Paulo traz um grande momento oportuno com

“O BRASIL TEM UM ESPAÇO OPORTUNO PARA LIDERAR O MERCADO CONSUMIDOR. LÁ FORA ENXERGAMOS PAÍSES ABRINDO NOVOS ESPAÇOS, DEIXANDO O MERCADO EXPORTADOR DE CARNE BOVINA BASTANTE PROMISSOR”, DECLARA O PECUARISTA E PROPRIETÁRIO DO CMA, ANDRÉ PERRONE.



os subprodutos utilizados para converter em carne. “Assim produzimos com sustentabilidade e com eficiência, num mercado onde temos valor agregado”.

O confinamento termina cerca de 40 mil cabeças por ano, e por volta de 30% destes animais vem de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. “São lugares que tem uma rica população de bovinos, onde a recria é realizada a pasto e é feita a terminação aqui em São Paulo”, comenta.

Gestão traduzida em dados

Não é novidade para ninguém que o Brasil tem potencial grande na produção bovina, assim sendo, cabe ao mercado saber explorar isso da melhor forma possível. Com o Ministério da Agricultura buscando abrir novos mercados, os pecuaristas estão entendendo melhor estas oportunidades, além de observar as empresas do setor investindo em metodologias que os ajudem a produzir animais mais saudáveis e eficientes. “Temos um espaço oportuno para liderar o mercado consumidor. Lá fora enxergamos países abrindo novos espaços, deixando o mercado exportador de carne bovina bastante promissor”. Segundo Perrone, por aqui se trabalha com matéria-prima nobre, que é

a carne rica em proteína e basta os pecuaristas terem mais consciência do que produzem para que o mercado seja de fato soberano.

Para colocar o foco de seu confinamento em prática, Perrone diz que é de suma importância ter em mãos números e indicadores de produção, com metas claras e simples, atuando com comprometimento e buscando a diferenciação no mercado. “Os nossos dados apontam que estamos focados também em eficiência biológica. No último ano, ela foi de 136 kg de dieta para converter em uma arroba engordada dentro do coxo. Estes são os nossos indicadores onde buscamos cada vez mais oportunidades de melhoria”, comenta. Para ele, este é o caminho certo a seguir, e os indicadores de produção que utiliza, como ganho de carcaça diário, é algo que reflete diretamente no bolso do pecuarista. “Por isso estamos buscando acima de 1,100 kg ganho de carcaça/dia, ou seja, ganho direto no gancho do frigorífico”. Tais números são indicadores de metas claras que o pecuarista compartilha com a equipe do CMA, para saber o rumo que estão tomando e para onde querem chegar.

Para que tudo funcione a “plenos pulmões”, a estrutura do confinamento na Monte Alegre conta com cerca de 140 piquetes





O CMA tem como estratégico o Estado de São Paulo, que é rico em agroindústrias e dispõe de uma grande variedade de produtos ou subprodutos, agregando maior valor para o mercado consumidor de carne.

de engorda e capacidade estática de 19 mil cabeças. Em 2018, Perone confinou mais de 43.600 animais e para 2019 o número deve ser maior. “Vamos abater neste ano em torno de 40 mil cabeças, sendo ao todo mais de 50 mil animais confinados”.

União em prol da sanidade

Para ser modelo de confinamento no País, o CMA teve que se atentar ao bem-estar animal, e um de seus pilares é a sanidade. É aí que entra a parceria com a MSD Saúde Animal. “Nessa junção trabalhamos de



forma árdua em busca da melhor saúde do rebanho. Sabemos que eles saudáveis performam melhor, tem melhor engorda e dão retorno financeiro maior”, comenta o pecuarista. Prezando por isso, Perrone tem investindo em novos currais, vacinas e tratamentos sanitários para o gado. “Queremos todas as ferramentas que buscam deixar cada vez mais o animal mais saudável e mais eficiente. Seguimos o calendário sanitário a risca, e aos parceiros que não tem, ou não seguem, buscamos fomentar e auxi-

liar, compartilhando as informações para o bem da cadeia”, diz.

Antony Luenenberg, coordenador técnico de bem-estar animal da MSD, comenta que o protocolo sanitário do CMA é bem completo e que Perrone se preocupa bastante. “Um exemplo disso é que há um tempo atrás ele começou a fornecer as vacinas para os parceiros, para que os animais já cheguem ao confinamento com uma resposta imune, o que melhora o desempenho final do gado”, declara. Segundo o coordenador, este confinamen-



to é um dos principais parceiros da companhia, tanto na parte de saúde animal, quanto dentro da plataforma do Criando Conexões. “Foi uma das primeiras fazendas onde implementamos o programa, em meados de 2015”. Desde então, a evolução que a parceria tem gerado, fica por conta princi-

palmente da aclimação dos animais, com baixo nível de estresse, onde o gado se mantém hidratado e alimentado, melhorando assim sua função imune. “Além disso, a estrutura do confinamento cresceu e se tornou exemplo da evolução que estamos tendo dentro do bem-estar”.

**Para ser modelo de confinamento no País,
o CMA teve que se atentar ao bem-estar animal,
e um de seus pilares é a sanidade. É aí que entra a
parceria com a MSD Saúde Animal.**



CRIANDO CONEXÕES

O Criando Conexões já manejou mais de quatro milhões de animais, e treinou mais de quatro mil vaqueiros de Norte a Sul do Brasil. Com a equipe espalhada pelo País, a MSD conta com 25 consultores aptos a trazer esta tecnologia aos seus clientes.

Para conseguir bons resultados, a equipe durante os treinamentos mostra como é o comportamento do animal, quais as melhores formas para conduzi-lo e assim, manejar corretamente. “A linguagem do bovino é única, e não é verbal, é corporal”, diz Luenenberg.

SEGUNDO ANTONY LUENENBERG, COORDENADOR TÉCNICO DE BEM-ESTAR ANIMAL DA MSD, O CONFINAMENTO MONTE ALEGRE É UM DOS PRINCIPAIS PARCEIROS DA COMPANHIA, TANTO NA PARTE DE SAÚDE ANIMAL, QUANTO DENTRO DA PLATAFORMA DO CRIANDO CONEXÕES.





BEM ESTAR ANIMAL

Respeito ao gado também gera lucro

Em entrevista exclusiva para a Revista Rural, a especialista em bem-estar animal Temple Grandin mostra que se preocupar com o bem-estar dos animais é também garantia de melhores resultados na produção de bovinos em confinamento.

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Davi Canto



Nascida em Boston, Estados Unidos, no ano de 1947, Mary Temple Grandin é considerada a mulher que revolucionou as práticas para o tratamento racional de animais vivos em fazendas e abatedouros. Aos 72 anos, além de bacharel em psicologia, ela é PhD em ciência animal pela Universidade de Illinois (EUA). Mas quem vê o sucesso e o que Temple significa para a pecuária, não imagina as adversidades que a americana teve que enfrentar. Diagnosticada com autismo logo

na infância, ela teve sua vida ligada ao agronegócio quando tinha 19 anos. Durante uma visita a fazenda de uma tia, tomou como inspiração o brete de contenção dos animais e construiu algo parecido para si, a “máquina do abraço”, com o intuito de se refugiar dos frequentes ataques de pânico que sofria. Foi com este talento de pensar em imagens e conectá-las, que Temple começou sua carreira científica e mudou os rumos do bem-estar animal.

Hoje, as instalações que ela pro-



As instalações que Temple projetou estão localizadas em diversos lugares do mundo. Na América do Norte, quase metade do gado é manuseado em um sistema de retenção central projetado por ela.

jetou estão localizadas em diversos lugares do mundo. Na América do Norte, por exemplo, quase metade do gado é manuseado em um sistema de retenção central projetado por Temple. Os sistemas curvos de rampa e corrida que ela projetou para o gado são

usados diariamente e seus ensinamentos sobre a zona de fuga e outros princípios do comportamento dos animais em pastoreio ajudam muitas pessoas a reduzir o estresse nos animais durante o manejo. “As pessoas administram as coisas que elas medem



e uma das razões para que tudo seja medido no manejo é o uso de choque elétrico, quedas, localização ou fugas. Quando se usa estas medidas você consegue saber se está melhorando ou piorando”, declara Temple. Segundo ela, na atualidade existem diversas pes-

soas ministrando treinamento sobre o bem-estar animal. “Observei que em manejo, cerca de 20% dessas pessoas realmente fazem um bom trabalho. Há um grande número de pessoas cujo trabalho precisa ser supervisionado, e cerca de 10% que não de-

Uma das coisas que deixou Temple impressionada no Brasil, é o fato dos estudantes de veterinária que estão entrando na pecuária estarem realmente interessados em fazer o manejo de forma correta.



veriam manejar animais, pois tendem a ser cruéis a eles”. A doutora faz uma analogia e diz que este supervisionamento é como no trânsito, se a polícia não estiver medindo a velocidade, a estrada vira uma pista de corrida.

A experiência em terras brasileiras

Habituada a visitar e palestrar em diversos países, quando vem ao Brasil, Temple foca em passar seu conhecimento aos nossos pecuaristas, e a cada oportunidade procurar notar se há evolução no trato com os animais por aqui. Apesar de não ter visitado um número elevado de fazendas, para ela o padrão que se observa é que quanto mais treinamento

HABITUADA A VISITAR E PALESTRAR EM DIVERSOS PAÍSES, QUANDO VEM AO BRASIL, TEMPLE FOCA EM PASSAR SEU CONHECIMENTO AOS NOSSOS PECUARISTAS, E A CADA OPORTUNIDADE PROCURAR NOTAR SE HÁ EVOLUÇÃO NO TRATO COM OS ANIMAIS POR AQUI.



vai sendo feito em manejo de gado, mais pessoas vão fazer um trabalho melhor. “Isso é uma realidade nos Estados Unidos, e acredito que o Brasil siga um caminho parecido. Quanto mais ênfase houver no assunto e mais as pessoas estiverem trabalhando nisso, melhorará gradativamente”, declara.

Temple comenta que uma das coisas que a deixou impressionada no Brasil, é o fato dos estudantes de veterinária que estão entrando na indústria pecuária estarem realmente interessados em seguir em

frente, fazendo as coisas de forma correta. “Fiquei feliz em conversar com eles. Falamos sobre a importância do manejo de baixo estresse que vai melhorar a produtividade do rebanho, taxa de concepção reprodutiva e ganho de peso. Além disso, abordamos que é fundamental não haver abuso ao animal, como por exemplo, tirar fotos deles com telefones. Isso é negativo e cruel com os bichos, pois assusta e também estressa”, diz. Os assuntos destas conversas na verdade são grandes questões a serem discutidas com



Os sistemas curvos de rampa e seus ensinamentos sobre a zona de fuga e outros princípios do comportamento dos animais ajudam muitas a reduzir o estresse do rebanho durante o manejo.

mais pessoas, e a americana busca dar dicas sobre como construir um confinamento, com ponto de fuga, ponto de balanço, projeto do curral, e a retirada de distrações que fazem o gado parar na fazenda. “Queremos que o rebanho funcione da melhor maneira possível”.

Alimentar o mundo

Com o crescente aumento da população, o desafio de alimentar o mundo é cada vez maior e recai, em partes, sobre a pecuária. Com isso, ter um rebanho que gere carne de melhor qualidade se torna funda-



mental para que atingir o objetivo e permitir que ninguém passe necessidade.

Para Temple, essa questão se resume no fato de que animais que são manejados com métodos de baixo estresse geram números e resultados produtivos. “Já os que sofrem com barulhos e que foram perseguidos, ganham menos peso e tem uma menor reprodução”, declara. A partir daí o efeito será em cadeia, até chegar ao consumidor, seja em qualidade ou então em quantidade, o que só dá ainda mais importância para os mé-

todos desenvolvidos e ensinados pela especialista.

Inspiração para todos

Tendo da sua história um livro aberto, a correlação do autismo de Temple com seu trabalho desenvolvido na pecuária serve de exemplo para que outras pessoas que possuem realidade semelhante a dela, se inspirem e façam de um problema, uma solução que ajude diversas pessoas ao redor do mundo. “Quando eu era uma criança de

A correlação do autismo de Temple com seu trabalho desenvolvido na pecuária serve de exemplo para que outras pessoas se inspirem e façam de um problema, uma solução.

três anos ainda não falava, mesmo sendo ensinada em casa. Com isso, enfatizo a todos os pais que possam ter uma criança autista, ou com problemas de aprendizado, que se construa em cima das coisas em que elas são boas”, diz a doutora. Boa em ver imagens e conectá-las, ela conta que esta habilidade a ajudou em seu trabalho de criação, uma vez que passou a olhar e pensar pela perspectiva do rebanho. “Comecei isso nos anos 70, momento em que ninguém falava deste assunto”.

Ao longo dos anos e com a importância que ganhou, Temple realizou e ainda realiza diversos trabalhos com pessoas em funções específicas. “Trabalhei com pessoas que construíram coisas em fazendas e currais e que possuem problemas de aprendizado, ou que talvez sejam autistas, e que fizeram equipamentos de construção espetaculares”, diz. Segundo ela, existem diversas habilidades para quem tem autismo. “Conheci gente que era ótima com matemática, e então acabou se tornando programador de computação. O que quero dizer é temos que buscar trabalhar com coisas em que alguma deficiên-

cia que possuímos não nos afete, e isso traz resultados”. Sendo exemplo para muitos, Temple Grandin pensa no próximo, sempre se baseando em tudo que vivenciou. “Precisamos ajudar as crianças a sair e realizar atividades, e uma delas é levá-las a construir coisas. Existe um certo grupo de crianças autistas que são boas com ferramentas”. Ela conta que há em várias partes do mundo histórias de especialistas, pessoas que podem fazer, inventar e construir coisas.





Cuide da saúde da planta

Identificação, aspectos técnicos e manejo são essenciais
para o sucesso nas lavouras de soja.

Texto: Eder Novaes Moreira • Fotos: Arquivo Revista Rural





Repleto de oportunidades e potencial produtivo em suas lavouras, a versátil cultura da soja exerce um grande protagonismo não apenas no agronegócio, mas também na balança comercial brasileira de um modo geral. Vários fatores podem afetar a sustentabilidade e rentabilidade, dentre estes, as doenças podem acometer o cultivo da soja. Entre os principais destacam-se os fungos, divididos em três principais grupos. O primeiro consiste em fungos saprófagos ou fungos de solo, causadores de podridões de raízes e tombamento

de plântulas (*Fusarium* spp; *Rhizoctonia solani*; *Macrophomina phaseolina* etc.). Estes se alimentam de diferentes substratos na matéria orgânica em decomposição no solo.

Já no segundo grupo, encontramos os fungos necrotróficos, presentes em restos e sobras da safra anterior, que podem resistir após à colheita e atuar como fonte de inóculo para a safra seguinte. Neste grupo, podemos destacar a septoriose, mancha-alvo, antracnose e cercosporioses. Pela importância e severidade nas lavouras a mancha alvo e o crestamento de cercospora

são as doenças que podem ameaçar a rentabilidade dos agricultores no Cerrado, podendo causar danos de até 35% do potencial das lavouras.

A severidade da mancha alvo pode variar, em função do cultivo, restos culturais e do manejo de fungicidas adotados pelo agricultor. Tendo como momento correto para a aplicação o fechamento das entrelinhas, a primeira e a segunda aplicação devem ocorrer 14 dias após a primeira aplicação de fungicida. É fundamental que o foco do uso de fungicidas neste período seja direcionado, considerando os restos culturais, cultivo, clima e o próprio fungicida. O cuidado também deve ser redobrado, de forma a diminuir as chances de aplicar um produto para o qual haja redução da sensibilidade do fungo aos fungicidas monossítios ou específicos. Neste caso, julga-se necessário o uso de multissítios nesta fase (*primeira e segunda aplicação*) para o manejo desta doença.

Também podemos destacar a presença da antracnose como uma doença presente na soja, variando sua severidade em função do clima, cultivo



EDER NOVAES MOREIRA É PESQUISADOR E CONSULTOR NA FITOLAB PESQUISA E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

e nutrição. Doença de difícil controle, pode sobreviver infectando sementes, presente nos restos culturais e no interior dos tecidos das plantas e pode se manter de forma silenciosa até o fim do ciclo. Caso encontre condições climáticas e deficiência de nutrição, pode manifestar os seus sintomas e sinais. Nas lavouras, sua presença pode ocasionar o surgimento de manchas negras, rajadas sobre as vagens em enchimento de grãos.

Ainda dentro deste segundo grupo, a cercospora também vem aumentando nas últimas safras na fase final da cultura, podendo comprometer o enchimento de





grãos. Este aumento é atribuído à redução da sensibilidade do fungo aos fungicidas monossítios. Portanto, mais uma vez, há a necessidade do uso de multissítios nesta fase (3^a a 4^a aplicação) que contribuem simultaneamente para o controle da cercospora e da ferrugem asiática.

Por fim, temos o terceiro grupo de fungos denominados biotróficos, que sobrevivem e se multiplicam em plantas vivas. Este é o caso da ferrugem asiática da soja, que, a partir do momento em que infecta a lavoura, ou seja, após a terceira aplicação de fungicidas, pode provocar danos de

até 90%. Semeaduras tardias (entre novembro e dezembro) e cultivos de ciclo acima de 110 dias apresentam maior risco de danos.

Em caráter preventivo, é recomendado que o agricultor leve em consideração a importância das medidas de escape, bastante utilizadas em mais de 70% das lavouras do Estado de Mato Grosso, por exemplo. Neste ponto de vista, fatores como a antecipação da semeadura, uso de cultivares de ciclo até 110 dias e com fenologia indeterminada podem ser aproveitados de forma integrada e associada, uma vez que



podem contribuir com o ciclo habitual de desenvolvimento da soja e a evolução da ferrugem nas plantas.

Em linhas gerais, podemos partir da compreensão de quatro pilares básicos para o manejo e prevenção destas doenças:

- *Buscar cultivares com baixa severidade a fim de minimizar o desenvolvimento destas doenças e preservação de seleção;*
- *Não usar fungicidas específicos ou monossítios que apresentem redução da sensibilidade ou resistências às doenças mencionadas;*

- *Dar preferência a manejos usando programas de fungicidas sistêmicos, que englobem todos os mecanismos de ação;*

- *Associar multissítios, seja em misturas prontas ou adicionados aos fungicidas sistêmicos, que podem ser utilizados concomitantemente e direcionados de acordo com a doença predominante em cada situação de lavoura.*

Desta forma, poderemos vislumbrar cenários cada vez mais prósperos e sustentáveis para a cadeia produtiva.





Atenção redobrada às “mamães”

Durante a estação de monta é de extrema importância que tenhamos um programa de suplementação específico para as fêmeas que iniciarão a estação reprodutiva.

Texto: Daniel Bessert • Fotos: Divulgação



Num planejamento nutricional correto durante a estação de monta, necessitamos de um suplemento mineral que possua concentrações adequadas de macro e microminerais e que estes sejam provenientes de fontes de alta biodisponibilidade. Devemos sempre lembrar que a fêmea em reprodução é a categoria animal mais exigente do rebanho, pois ela necessita de nutrientes para sua manutenção, produção de leite para o bezerro e, ainda, para o início de uma nova gestação. O primeiro ponto a se analisar no início de uma estação de monta é o planejamento nutricional, pois animais mal nutridos, conseqüentemente, irão gerar resultados abaixo do esperado ao final da estação. Por-

tanto, uma minuciosa avaliação da condição corporal dos animais e um planejamento nutricional adequado, seriam os primeiros pontos a serem observados para o sucesso dessa fase.

Outros pontos que sempre devemos observar são: planejar o período de início e duração da estação de monta de acordo com condições climáticas e objetivos da fazenda; planejar a escolha e/ou compra de touros, sempre utilizando animais com exame andrológico que constate que estejam aptos para a estação; planejar a compra de insumos para a utilização de inseminação artificial; e uma boa avaliação reprodutiva das fêmeas que iniciarão a estação, para que possamos tra-



DANIEL BESSERT É MÉDICO VETERINÁRIO E COORDENADOR TÉCNICO DO DEPARTAMENTO DE NUTRIÇÃO DA MATSUDA MINAS, DIVISÃO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA/BA.

çar uma boa estratégia, seja ela utilizando monta natural, IA ou IATF.

Ao “padronizar” o ciclo reprodutivo dos animais, o produtor deve levar em conta que os benefícios de se fazer isso, são inúmeros. Com uma estação de monta bem executada, teremos um período de nascimentos de bezerros mais uniforme, o que nos traz vantagens, tanto do ponto de vista de manejo, pois iremos concentrar os partos em um determinado período, quando teremos menores índices de problemas sanitários; e também do ponto de vista econômico, pois teremos mais “bezerros do cedo”, ou seja, animais que nasceram no início da estação: estes animais são os que

mais se desenvolvem durante a sua fase lactente e desmamam com um peso superior aos demais nascidos durante a estação. Portanto, durante uma boa estação de monta, teremos mais “bezerros do cedo” e bezerros mais saudáveis.

A escolha da época do ano para a realização da estação de monta deve considerar o período das águas de cada região. Geralmente, iniciamos entre 30 a 60 dias, após o início da estação chuvosa, período este onde teremos uma maior oferta de pasto. A duração da estação será de acordo com as condições e objetivos da fazenda mas, sempre levando em consideração que devemos ter como meta um parto/vaca/ano.

Devidos a todos esses fatores, em grande parte do Brasil a estação de monta se compreende entre os meses de novembro a março, sempre lembrando que o manejo nutricional, mais importante, é o que fazemos nas primeiras horas de vida dos bezerros, sejam leiteiros ou de corte, que inclui o fornecimento do colostro. O colostro é responsável por fornecer os nutrientes e, principalmente, os anticorpos necessários para combater microrganismos patogênicos, uma vez que, devi-

do ao tipo de placenta existente nos bovinos, não há transmissão de anticorpos durante a vida uterina das bezerras. O colostro deve ser fornecido – obrigatoriamente – até seis horas após o nascimento. Depois desse período, a absorção de anticorpos no intestino diminui, chegando a zero, após 24 horas de nascimento.

Os bezerras recém-nascidos não são capazes de digerir a forragem como os ruminantes adultos, sendo o leite o seu principal alimento durante os primeiros meses de vida. Entretanto, devemos estimular o desenvolvimento ruminal por meio de uma dieta correta, onde podemos introduzir uma suplementação com alimentos sólidos que visam, além de favorecer o desenvolvimento ruminal, suprir possíveis carências minerais, promover a saúde intestinal, por meio da utilização de aditivos alimentares (MOS, Beta-Glucanas e Ionóforos) e, dessa forma, iremos promover o adequado desenvolvimento desses animais e torná-los ruminantes, o mais breve possível. E, sempre é bom lembrar, que uma fonte de água com boa quantidade e qualidade, deve estar à disposição dos bezerras já na primeira semana de vida.

Uma fonte de volumoso de boa qualidade como, por exemplo, feno de tifton, deve estar à disposição



desses animais, de modo a favorecer a ingestão de fibra e, conseqüentemente, o desenvolvimento ruminal. Quanto a suplementação mineral é de suma importância porque os componentes básicos da dieta (leite e volumoso) nem sempre são suficientes para suprir as exigências nutricionais dos animais. Portanto, uma boa estratégia de suplementação deve ser específica para cada categoria animal e, quando falamos de animais jovens, devemos sempre lembrar da importância dos minerais no desenvolvi-



mento do animal e na manutenção de um sistema imune eficaz. Graças a isso, as vantagens de uma boa nutrição são inúmeras: menor taxa de mortalidade, menor taxa de animais doentes e maior desenvolvimento dos animais e, desta forma, proporcionar a expressão máxima do potencial genético do animal. Já quando o assunto são os reprodutores, usados na estação de monta, a dieta mais correta é aquela que respeita a fisiologia do animal. Reprodutores necessitam de uma correta suplemen-

tação mineral visando uma produção espermática de boa qualidade, onde teremos espermatozóides em quantidade adequada e viáveis para o momento da fecundação. Quando analisarmos um programa de suplementação para reprodutores, devemos nos atentar, além das concentrações de macro minerais, às concentrações de micro minerais, principalmente zinco e selênio, responsáveis pela produção e qualidade espermática. Outro ponto que nunca devemos nos esquecer é que a base da dieta deve ser um volumoso de boa qualidade, pois dietas com alta concentração de amido podem trazer péssimas consequências para a vida reprodutiva de um touro.

A suplementação mineral deve ser específica para cada categoria e para cada período do ano. O sucesso durante e, ao final, de uma estação, será o reflexo direto de como foi o período seco que precede a estação. As fêmeas que receberam uma suplementação adequada e não sofreram alguma privação alimentar durante o período seco, irão iniciar a estação em boa condição corporal e, consequentemente, irão nos proporcionar os melhores resultados, que é o que todos os pecuaristas desejam e precisam conquistar, ao final do período reprodutivo.

Gestão de Micotoxinas: reduzindo o risco

• Por Sarah Antunes*

As evoluções tecnológicas do setor agrícola têm colaborado diretamente no incremento da produtividade e qualidade dos grãos, mas ainda assim podem ser encontrados problemas sérios na armazenagem e na conservação da produção, proporcionando o surgimento de fungos. Principalmente no Brasil, que possui clima subtropical, o crescimento e a sobrevivência fúngica nas fontes alimentícias são favorecidos por condições de umidade e temperatura ideais para a sua propagação, que ocorre desde os processos de maturação e colheita, até as fases de transporte e armazenamento.

Essa contaminação causa degradações que resultam em grãos ardidos, redução de níveis nutricionais, fermentação, alteração da palatabilidade, e por fim, na produção de micotoxinas, colocando em risco a segurança alimentar e, conseqüentemente, a saúde dos animais. De modo geral, as micotoxinas podem trazer alguns transtornos como: diminuição do consumo de ração, interferência na imunidade, danos intestinais e hepáticos, queda no desempenho reprodutivo e produtivo, bem como o aumento da mortalidade.

Por todas essas razões, as micotoxinas representam um risco quase que inevitável no sistema produtivo. Elas já estão presentes em 25% do volume total de grãos a nível mundial, gerando uma perda de aproximadamente um bilhão de dólares por ano, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO).

Um fator indispensável de se considerar é que, no sistema de produção de aves e suínos atualmente, o investimento com a alimentação atinge 80% do custo total da produção animal. Dessa forma, torna-se de extrema importância o processo de gerenciamento de risco de micotoxinas, fazendo com que esse alimento ofertado tenha qualidade, para que possa trazer o retorno esperado na produção.

Por meio de ferramentas analíticas que nos auxiliam na detecção de qual ponto do pro-

cesso esta contaminação está ocorrendo, podemos conhecer a extensão do problema e, posteriormente, determinar as corretas tomadas de decisões. Medidas profiláticas podem ser adotadas já no cultivo e no manejo dos grãos para que inviabilizem a produção fúngica, como colheita no momento certo, secagem a temperaturas adequadas e armazenamento correto. Além do crescimento fúngico que ocorre a campo e durante a armazenagem, há a etapa nas fábricas de rações. Neste caso, podemos trabalhar com um programa de controle de pontos críticos.

A partir deste processo de análise, o uso de adsorventes de micotoxinas torna-se extremamente importante para reduzir o risco e melhorar a rentabilidade do sistema de produção. Ao ser acrescentado na dieta, a tecnologia atua como agente sequestrante – evitando que o intestino dos animais absorva as substâncias. Diversas pesquisas têm demonstrado que tecnologias à base de glucanos extraídos da parede de leveduras com carboidratos funcionais oriundos das algas, são ferramentas eficientes na adsorção de micotoxinas.

O surgimento de micotoxinas pode ser inevitável, mas o controle delas já está nas mãos do produtor, que ao investir em um programa de gestão de micotoxinas de qualidade, com respaldo científico, poderá riscar as micotoxinas da sua lista de preocupações.



(*) Sarah Antunes é gerente de vendas para suinocultura da Alltech

SUA TERRA MERECE A MELHOR SEMENTE



SEMENTES DE ALTA PUREZA



PASTOBRAS
SEMENTES



GARANTE O QUE FAZ

www.pastobras.com.br



Pastobras, novamente a marca mais lembrada
no segmento de integração Lavoura-Pecuária-Floresta





É UMA HONRA ESTAR TODOS OS DIAS AO LADO DE QUEM TRABALHA NO CAMPO.

A STIHL sempre acreditou na força de quem trabalha no campo. Essa gente acolhedora, alegre e trabalhadora que acredita no poder de fazer diferente e que não tem medo de pôr a mão na massa. E para fazer tudo isso, é preciso ter soluções que facilitem o seu dia a dia: produtos de qualidade, assistência técnica e a certeza de que, com a STIHL, sempre dá pra contar.